

Debates sobre tudo e nada *ou* “justaposição indefinida”: sintomas do desespero das ciências humanas? / Entrevista com Hans Ulrich Gumbrecht

Fernanda Pires Alvarenga Fernandes*
Ligia Gonçalves Diniz**

RESUMO:

Entrevista com Hans Ulrich Gumbrecht, professor na Universidade de Stanford, na Califórnia, em que o teórico discute as relações entre mídias como tema que tangencia sua pesquisa desde a investigação do campo não hermenêutico e da materialidade da comunicação até o momento que define como “presente amplo”, com as diferentes temporalidades vividas no presente e os modos de observá-las, assim como o lugar que a literatura e as artes ocupam na cultura contemporânea, a partir de conceitos como ‘presença’ e ‘corpo místico’.

Palavras-chave: Produção de presença. Mídia. Presente amplo. Contemporaneidade.

FERNANDA: Sua última obra tem como foco o que o senhor denomina “presente amplo”, um novo “cronótopo”¹, em que vivemos hoje, que é inundado pelo passado e não mais apresenta um vasto horizonte de possibilidades no futuro. De que forma isso se estende ou é vivenciado em espaços fora da academia e como o senhor vê isso ser experimentado no Brasil?

GUMBRECHT: Em primeiro lugar, antigamente, discutia-se a questão do Brasil sempre em um sentido historicista, aquela coisa de o Brasil ser um país que estava atrás. Quer dizer, um país cujo desenvolvimento de que se falava cinquenta anos atrás, que tinha os Estados Unidos como modelo, talvez um dia fosse acontecer. Em 1959, houve uma discussão entre o então [vice presidente norte-americano Richard] Nixon e o [premiê soviético Nikita] Khrushchov em uma exposição de móveis em Moscou, na qual Khrushchov disse a Nixon: “Agora a União Soviética está ainda atrás dos Estados Unidos, mas em dez anos vamos ultrapassar vocês”, como se se tratasse de uma corrida de carro². Da mesma forma, os brasileiros não gostavam quando ouviam estrangeiros falarem assim, como se fosse uma desculpa, essa ideia de que o Brasil estava muito atrás, mas que um dia chegaria lá. Acho que, nesse sentido, se o presente amplo pertence a uma construção de temporalidade, a um cronótopo diferente, aquelas comparações com os países desenvolvidos, com a promessa de que um dia o Brasil iria entrar em uma nova fase, já não se aplicam. Quero dizer que, se acreditamos nesse presente amplo, temos justapostas e acumuladas muitas possibilidades do passado – que não esquecemos, que continuam lá–, mas, ao mesmo tempo, não existe mais a crença na possibilidade de se escolher um futuro. Acho que, hoje em dia, no Brasil isso existe tão visivelmente como em qualquer país antigo, do “primeiro mundo” – entre aspas, porque o Brasil hoje é um país do primeiro mundo. Os brasileiros, naturalmente, como há uma relação romântica com a nação, não gostam de falar isso, mas indubitavelmente a classe média brasileira não é diferente da classe média americana, da classe média da União Europeia. Há outras diferenças, mas na classe média, não. Houve uma melhora inacreditável. Existem pessoas que ainda vivem em condição de miséria, mas em número muito menor. Acho que existe uma obrigação quase inevitável de um governo socialista como o do PT de não usar esse discurso. O PT, para ser partido socialista, precisa de um discurso de projetos:

“A gente vai alcançar isso”; “A gente vai atingir aquilo”; “A gente vai transformar o país” etc. Isso produz uma situação como a que aconteceu antes das eleições, em que todo mundo fica muito descontente com o PT, acha que o PT é uma coisa que já não faz sentido neste presente, mas ao mesmo tempo tem medo de algo diferente. Acredito, por exemplo, que aqueles protestos famosos durante a Copa das Confederações, em 2013, aquelas concentrações de jovens na rua, não eram o protesto típico contra alguma coisa. Eram fruto de um desejo, num mundo que eu considero e que tenho descrito como um universo de contingências, em que todo mundo tem a todo momento uma infinidade de possibilidades imediatas sem preferência clara. Talvez essa situação, que existe muito visivelmente no Brasil, sobrecarregue o indivíduo, o individualismo, e produza o desejo de estar junto com outros, em um mesmo lugar, seja um estádio, seja uma missa a céu aberto, seja um protesto. Estou mencionando isso porque, para mim, esse desejo – que estou chamando de desejo de um “corpo místico”³ – um desejo que se produz, que emerge no presente amplo, tem sido visto, talvez, mais claramente no Brasil do que em qualquer outro contexto.

LIGIA: Ainda sobre a noção de “presente amplo”, de que maneira esse novo cronótopo se observa na relação dos indivíduos com as novas tecnologias?

GUMBRECHT: É uma dupla relação. Hoje eu não chamaria de dialética, mas antigamente talvez a tivesse chamado assim. Por um lado há o desejo de estar juntos, de fazer parte de um corpo místico. É um desejo que, por outro lado, tem a ver com uma separação individualista indefinida. Todo mundo pode passar uma vida inteira na frente do computador. Você pode migrar para lá, pode passar a vida inteira isoladamente, sozinho, lá e, na verdade, trata-se de uma situação em que você, justamente, não precisa do seu corpo. Ao utilizarmos um computador, estamos em uma situação de fusão entre o software, de um lado, e a consciência do outro lado. Não é preciso um corpo. Em compensação, essa situação produz aquele desejo de fazer parte de um corpo místico. Por outro lado, sobretudo quando se pensa nas manifestações públicas, o uso do celular, por exemplo, facilita enormemente [a mobilização]. A prova famosa é a Primavera Árabe. A Primavera Árabe sem o uso de celulares não teria sido possível. A tecnologia móvel dá a esses corpos místicos, a essas aglomerações, uma flexibilidade comparável a uma revoada de pássaros. Esses corpos místicos às vezes se movem, não são estacionários, porque contam com a facilidade do uso do celular. E, nesse sentido, de repente uma tecnologia específica e também portátil, que você já tem consigo e que já faz parte do seu corpo, é uma condição quase decisiva – se não decisiva, muito importante – para uma coisa que é quase um protesto ou uma reação contra a própria tecnologia. Daí eu afirmar que existe uma relação positiva-negativa com a tecnologia.

LIGIA: E em relação especificamente às nossas experiências estéticas, por exemplo, na leitura literária, ou em nossa relação com as artes, como esse presente amplo se apresenta e como a mediação da tecnologia interfere nas experiências?

GUMBRECHT: Acho que a relação com as artes vive algo semelhante ao que descrevi anteriormente. Atualmente, na produção artística, no ambiente mais tradicional, a curadoria é cada vez mais importante. Hoje em dia, quando acontece, por exemplo, uma exposição, para as pessoas muito cultas – pressupondo uma separação entre cultura alta e baixa –, já não se comenta sobre os objetos expostos, mas sobre o trabalho do curador. Quer dizer, é uma experiência muito cerebral. É interessante ver também como as coisas expostas, as coisas discutidas, as coisas produzidas no teatro são do passado. Há uma sofisticação intelectual, muito cerebral, na prática de reinterpretar, de reencenar etc. Ao mesmo tempo, acho que a

produção artística contemporânea, não só na literatura, comparada com 50 anos atrás, é mais fraca, de pouca participação. Eu poderia dizer que a situação que era unicamente da ópera, uma forma de arte que tem um repertório completamente do passado – estou exagerando, mas Puccini [1858-1924] é quase o último compositor de ópera importante nos repertórios e daí vai-se remontando até o século XVII –, hoje em dia é uma situação generalizada. As pessoas cultas hoje em dia estão lendo entre Flaubert e Faulkner. Sobretudo, então, temos comentaristas, novas traduções, tudo isso, mas não existe um centro forte. Pessoas como [Marina] Abramovic, por exemplo, que talvez produzam uma arte mais corpórea, uma arte mais substancial – no sentido aristotélico, não no de qualidade –, continuam obcecados com aquele padrão romântico de inovação e de provocação. Por isso, acho que uma missa aberta do papa ou um jogo de futebol no Maracanã, ou onde quer que seja, ou um protesto organizado por meio de celulares, são eventos mais centrais. Ao mesmo tempo, realmente, a produção artística hoje tem um vazio no centro. Todo mundo está esperando uma grande obra de arte. A cada ano o Prêmio Nobel de literatura é mais uma decepção.

FERNANDA: E, nesse sentido, a leitura da cultura ou da arte poderia não ser intermediária, ou seja, é possível pensar a arte e a cultura de uma forma individualizada, sem promover o diálogo entre as diferentes mídias e manifestações culturais?

GUMBRECHT: Eu acho que existem tentativas, experimentos. Todo museu de arte contemporânea tem algum projeto envolvendo intermedialidade, mas minha experiência é a de que isso produz certa reação positiva intelectual e cerebral: “Ah, é interessante, estão combinando isso e aquilo”. Mas não conheço exemplo nenhum em que isso realmente nos capte. É uma ideia realizada e que, uma vez realizada, fica – entre aspas – interessante, mas que, na realidade, é chata. É disso que falo quando menciono um vazio no centro da cultura contemporânea. Um exemplo oposto ao nosso é o momento em que apareceu o romance *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez: era então impossível não ler aquele livro. Ou, em outro contexto, o momento de Elvis Presley – eu me lembro, eu tinha seis anos e não era possível não ouvir Elvis Presley naquele momento. Ou até mesmo nos anos 1960, com os Beatles, os Rolling Stones. Agora tudo está lá à nossa disposição, mas, na nossa cultura presente? Um filme que capte a todos? Não existe! Se a gente definir a experiência estética como uma experiência em que há simultaneidade entre uma relação sensual com o mundo e uma relação hermenêutica, de produção de sentido – quero dizer, sempre existe essa duplicidade, mas na experiência estética ela é visível e temática –, então se poderia dizer que a experiência estética tem penetrado o cotidiano. Um desenvolvimento disso que acho superinteressante é a estetização da comida – ou seja, globalmente, hoje em dia, temos uma grande variedade de pratos e tipos de gastronomia não para nos alimentarmos, não para consumirmos calorias. Dizemos: “Ah, esse restaurante é muito bom”; “Eu gosto muito da comida mediterrânea, da comida turca, da vietnamita”. Elogiamos diversos aspectos da comida. Nesse sentido, também a moda – aquele imperialismo da moda de cada temporada – já não existe tanto, mas sim uma individualização indefinida ao se jogar com a moda como uma coisa incorporada. Ao mesmo tempo, observamos o fenômeno dos esportes, tanto do lado do *couch potato* [expressão norte-americana para a pessoa que passa muitas horas assistindo à televisão], o de assistir a esportes todo o tempo, quanto do lado daquele que pratica esportes. Existe quase uma onipresença de experiências estéticas, que antes eram bem controladas, mas hoje penetram o cotidiano. Estou pensando na definição do Kant do belo, *des Schönen*, da funcionalidade não funcional. A comida tem uma funcionalidade, mas a beleza da comida não importa, não tem uma funcionalidade, mas é como se tivesse. O movimento no esporte até marcar o gol, se você não é jogador profissional, não tem funcionalidade nenhuma, mas se torna funcional na experiência estética. A gente está em todos os lugares

vivendo experiências estéticas fragmentadas, mas aquela coisa única e sublime que nos capta e na qual não há alternativa a não ser ficar interessado, acho que não existe atualmente. E, de novo, não acho que seja com foco na intermedialidade que se vai conseguir isso, porque todo mundo já está vivendo na intermedialidade. A produção de arte intermídia teria a função de criar certa consciência disso, criar certa compressão talvez alegórica, emblemática, ou seja, demonstrar essa vivência que já acontece. Mas todo mundo já está vivendo essa situação. Enquanto eu estou falando, você está fazendo um vídeo. Ao mesmo tempo, temos ao fundo o meu computador... Enquanto isso está sendo registrado, já há uma intermedialidade, mesmo sem termos escolhido isso deliberadamente.

LIGIA: Existe certa sensação, ou ao menos uma intuição, quando se está pensando em arte, e mais especificamente em literatura, de que há uma especificidade naquela experiência que não podemos vivenciar de outra maneira. Será que, hoje, neste presente amplo, há ainda de fato essa especificidade? O que o senhor pensa a respeito?

GUMBRECHT: É uma coisa ainda não muito tematizada. Acho que o prestígio existencial da literatura no mundo global, no mundo ocidental expandido – isto é, excluindo a Coreia do Norte, Madagascar e outros poucos lugares do mundo –, esse valor existencial da literatura voltou, de certa forma. As pessoas acham que ler literatura é uma coisa linda. Vejo pelo meu blog no jornal *Frankfurter Allgemeine*, que é como a *Folha* ou o *Estadão* da Alemanha: quando escrevo de repente sobre Hölderlin, recebo um número surpreendentemente grande, dispostos a ler um comentário relativamente difícil de apreender sobre um poeta. Não se trata de um movimento social: é claro que a literatura não vai solucionar problemas, mas há algo no nível do desejo. Voltando àquela definição de experiência estética como uma simultaneidade consciente entre uma relação sensual e uma relação conceitual com o mundo, acho que a poesia incorpora isso. Se você está ouvindo – não lendo, mas ouvindo – uma recitação da poesia do Hölderlin, essa poesia é captada a partir da prosódia. A relação é complicada, mas para mim o desejo de se conectar ao mundo está presente na literatura. Quando não se trata de poesia, com a prosódia, mas de ficção, eu diria que a parte sensual seria na imaginação – por isso, a gente reage muitas vezes corporalmente ao romance, ou mesmo às imagens descritas em uma reportagem policial dos jornais. Então, talvez, nessa situação global, com a separação da consciência cerebral de um lado e o excesso de corporalidade, com o que chamo de “corpo místico” de outro, a literatura talvez não tanto já seja, mas contenha a promessa de uma harmonia – que de certa forma é uma palavra negativa no mundo acadêmico –, ou de um equilíbrio, talvez precário, mas possível.

FERNANDA: No Brasil tem sido bastante forte o movimento dos saraus literários, que dialogam com essa ideia de relação entre literatura e corpo. O senhor acredita que esses eventos são exemplos dessa busca por uma experiência de presença via literatura?

GUMBRECHT: Você sabe que estou obcecado por essa história dos saraus, algo importante a se investigar e que parece mais possível no Brasil que em outras culturas. Nos Estados Unidos temos uma coisa bem inocente, menos relacionada à classe social, que são os círculos de leitura. O PRG⁴, de certo modo, é uma forma americana de experiência nesse sentido. Minha antiga secretária, a Margaret, é outro exemplo. A vida da Margaret tem lugar nos dois círculos de leitura de que ela faz parte, então ela a todo momento está lendo dois romances e encontrando-se com as amigas para discutir literatura. Não vão a restaurantes, ou a lugares públicos, mas à casa de uma delas. O que é interessante lá é que o encontro do grupo, ao redor de um livro, é quase um corpo místico, é uma pequena assembleia. Há um bem-estar por estarem juntas. Elas acham importante discutir literatura. Já estive lá uma vez e, claro,

não são discussões sensacionais, mas é um bem-estar como o que se vive no Dia de Ação de Graças. Não sei se estatisticamente isso se comprova, mas penso que existe uma volta desses círculos de leitura, até mesmo na universidade, nesta forma específica de sociabilidade, porque há muitos grupos, núcleos pequenos de pesquisa, que já estão voltando a uma forma de vida menor, mais íntima, diferente da experiência de fazer parte de um partido político grande, por exemplo, porque hoje o partido político grande é uma forma abstrata demais e não nos dá essa sensação de presença, não se realiza ao redor de uma mesa. Até antigamente esse tipo de encontro aconteceria em uma manifestação. Hoje os partidos políticos provavelmente não organizam manifestações, porque manifestações organizadas têm um certo cheiro nazi. Manifestações têm de ser espontâneas, ter motivação privada. E é interessante pensar em outro aspecto desses clubes de leitura, que é o fato de que estão lendo pouca literatura contemporânea, estão lendo Faulkner, ou Guimarães Rosa, no Brasil.

FERNANDA: Isso é curioso, porque nos saraus estão produzindo literatura contemporânea. Estariam lendo os clássicos e produzindo o contemporâneo?

GUMBRECHT: Não, acho que me desviei. O sarau é interessante. Existem equivalentes do sarau não descobertas, mais inocentes e menos inovadoras. Mas a coisa interessante em relação a um sarau talvez seja considerar que a qualidade para um sarau não depende tanto da qualidade textual dos textos produzidos e recitados, mas do investimento afetivo e emocional das pessoas que ali estão. O jogo do futebol não depende da qualidade do couro da bola; depende do que acontece lá no estádio, não depende das blusas dos jogadores. A bola é o ponto de concentração que possibilita a coreografia – e é a coreografia que é interessante. Tanto faz se a literatura produzida no sarau é tão boa quanto a do Borges. O produto literário poderia ser muito menos importante que o estar junto de uma forma regular, previsível – no sentido positivo, de que podemos contar com essa experiência com alguma frequência.

LIGIA: Pensando ainda nessa ideia do sarau... A qualidade do texto também tem um efeito na coletividade, de evocação, para usar um termo afim à ideia de corpo místico. Nesse sentido, a qualidade do texto também deve ser ponderada a partir do efeito que provoca no grupo, não?

GUMBRECHT: Você tem razão. Em primeiro lugar, para realmente fazer uma avaliação qualitativa daqueles textos, precisaríamos de um padrão de valores que nossa classe média acadêmica não tem. Mas, em segundo lugar, podemos até falar metaforicamente que toda qualidade do texto produzido, lido, recitado lá se absorveria na comunidade, até assim seria uma coisa legítima e interessante. Assim como a qualidade da bola não tem importância a não ser a de que ela facilita a coreografia, nesse sentido poderíamos mudar a valoração e dizer que a recitação que produz aquele sentimento de estar junto, aquele corpo místico, é um bom texto, independentemente da – entre aspas – qualidade semântica, prosódica etc.

LIGIA: A literatura foi basicamente uma experiência solitária nos últimos dois séculos. Como o senhor acha que vivemos hoje essa volta da literatura como algo que pode ser vivido coletivamente?

GUMBRECHT: O que estou observando – e os saraus são um bom exemplo – não é uma volta à coletividade que a gente estava imaginando até a metade do século XX, uma coletividade de classe social. Seria uma coletividade que realmente tenha como centro o estar junto fisicamente, como os espectadores de futebol em um estádio, as cem mil pessoas

reunidas para a missa do papa... Outro caso interessante nesse sentido: ainda existe um cantão na Suíça (Appenzell) onde, para votos importantes, é necessária a copresença física de todo o povo. Não existe representação. Não existe parlamento. Isso quer dizer que 80 mil pessoas, ou todos que queiram votar, têm que estar juntos. Mas, voltando para o espaço acadêmico e para este momento, esta nossa conversa, na qual já nos concentramos por uma hora de duração, trata-se de uma experiência bem diferente de estar na Green Library⁵ isoladamente; este é um momento de discussão coproduzida em presença corporal. Podemos falar também do renascimento da entrevista que vem ocorrendo – a conversa muitas vezes entre três ou quatro pessoas, que é bem diferente dos painéis, com mais participantes, que são muito mais populares. Quando penso em coletividade, portanto, penso em algo que vai desde a nossa conversa aqui, passando por um painel, um grupo pequeno de leitura, até a assembleia do estado de Appenzell, mas não penso em coletividade como algo maior e mais abstrato, como classe social. Nesse sentido, uma articulação de política social no Brasil seria uma favela, uma comunidade, porque, precisamente, o número de habitantes de uma comunidade é relativamente reduzido. De todo modo, acho que, ao pensarmos em coletividade, começamos em três pessoas, já que a relação diádica é totalmente diferente.

FERNANDA: Voltando à ideia de presença, e relacionando a noção ao tema da intermedialidade, o senhor acredita que pode haver nas diferentes mídias menor ou maior propensão a produzir efeitos de presença? Será que na literatura – em comparação às artes visuais, à dança ou à música –, haveria uma espécie de déficit no potencial de produção desse tipo de efeito? Ou a emergência de uma relação coletiva com a leitura literária transporia esse obstáculo?

GUMBRECHT: Vou começar a resposta por um exemplo. Na Europa Oriental, hoje, há uma volta bem forte da recitação lírica. É, por exemplo, uma tradição russa, que foi usada com força – e abusada pelo estado – durante o período da União Soviética, e hoje em dia é bastante popular. Acredito que, em termos mundiais, tem crescido o número de recitais de poesia, eventos em que o poeta lê seus poemas prosodicamente, e isso acrescenta bastante à experiência. Daqui a dez dias vou fazer uma palestra em um grande teatro de Berlim, e já foram vendidos muitos ingressos. Acho que aquela coisa de performance relacionada à literatura está voltando. Por outro lado, e isso também é interessante, o que não tem crescido é o teatro. Acredito que isso acontece porque o teatro, nesse sentido, depois do século XVII – depois de Shakespeare, mas já com Racine – é uma forma de expressão bem alegórica. Ou seja, um personagem de uma peça de teatro típica é uma ideia que se incorpora, então o corpo do ator é o significante daquela ideia, mas sobretudo não permite que nada aconteça no palco. Uma palestra de um professor universitário – que não seja lida a partir de um manuscrito – tem talvez mais possibilidade, potencialidade e risco de evento que a encenação de uma obra clássica de teatro. De novo, estou falando daquele vazio. Há diversas companhias, espaços, tradições, subvenções ao teatro, mas vemos a coisa provocadora em excesso como a da Abramovic – optando demais, para o meu gosto, pela inovação, *pour épater le bourgeois*, que já foi feito em demasia. Minha filha mais velha é atriz de teatro em Valencia, e hoje ela fica entusiasmada com a *commedia dell'arte* clássica, que era uma coisa basicamente de ginástica em cima do palco, com uma parte verbal que ninguém captava verbalmente, com insultos, *palabrotas* [xingamentos], como se fala em espanhol. O que é interessante é que eles encenam essa forma de teatro pré-alegórico, mas precisam de uma forma histórica, porque não estão fora do nosso momento. Estou repetindo isso a cada quarto de hora, mas realmente sinto que há um desejo, nostalgia, existe um vazio. Ao mesmo tempo que há uma onipresença da experiência estética, não há mais algo central em torno do qual todos querem estar, como em uma Copa do Mundo, que também já não permite isso, porque os ingressos

são muito caros. Mas, de novo, não há mais, por exemplo, um filme. O último de que me lembro que provocou esse efeito foi *O Poderoso Chefão*. Era um filme a que você tinha que assistir. Hoje, neste presente amplo, a gente tem uma justaposição de muitas possibilidades, boas, mas nenhuma irresistível.

LIGIA: O espaço ocupado pela televisão no cotidiano teria alguma participação nisso?

GUMBRECHT: Existem, por exemplo, os *reality shows*, mas eles são uma mistura entre cotidianidade e midiaticização. Os reality shows permitem a você assistir a uma versão atualizada do seu próprio cotidiano, basicamente. Essas sequências de *soap*, diferentemente daquelas antigas telenovelas, são um pouco a mesma coisa. Quando, às vezes, me imagino em uma *high school* americana, entendo que é preciso ter visto determinadas séries para poder participar de uma conversa, mas não existe aquela irresistibilidade que nos capta – “você precisa ver!” –, não para poder entrar em uma conversa, mas porque exerce um fascínio ao qual você não pode resistir. Isso não existe mais. Então podemos falar de uma dispersão, provavelmente democrática e em todo caso bem pacífica, naquele padrão de justaposição: todas as coisas coexistindo, e cada um podendo escolher sua pequena coisa. Talvez a única potencialidade que a gente teria para voltar a um estado sublime seria o fim do mundo, uma explosão final. Heinrich von Kleist (1777-1811), o poeta clássico alemão de quem mais gosto, escreveu, meia hora antes de se suicidar, que gostaria de viver a intensidade daquele momento, de sentir a bala penetrando o cérebro dele. Não estou dizendo que é uma boa receita para a vida, mas é como o observei nesta última Copa do Mundo: foi boa, e provavelmente a Alemanha jogava de fato melhor do que os outros times, mas aquele jogo [a derrota da seleção brasileira por sete a um contra o time alemão] foi o colapso do Brasil contra um time muito legal, um time que, quatro anos antes, tinha feito jogos fantásticos contra a Argentina e a Inglaterra, enquanto agora jogava apenas com uma racionalidade boa, bem econômica, nada sensacional.

FERNANDA: O senhor vem contribuindo com diversos artigos em jornais brasileiros, e também mantém um blog no alemão *Frankfurter Allgemeine*, no qual aborda diversos temas, incluindo obras de filósofos como Heidegger e poetas como Hölderlin. Como o senhor vê a posição do jornalismo em relação às humanidades, ou mesmo à academia? De que forma os diferentes públicos leitores se relacionam?

GUMBRECHT: Escrevi agora uma introdução para uma coleção dos textos do blog que descreve precisamente isso. Há dois níveis. De um lado, minha tentativa de mostrar o que a gente poderia fazer nas ciências humanas, que não é mais tão relevante – teria sido para o padrão da minha geração de 1968 e, bom, nisso eu já não acredito tanto –, só tenho vontade de oferecer uma coisa mais entretida, mais serena, mais interessante. Por exemplo, escrever sobre o Hölderlin, a última parte de sua vida, de uma forma mais acessível, mais atingível. E as pessoas parecem se divertir. Até se poderia dizer que isto é uma estetização no cotidiano das ciências humanas. É um nível de prazer para mim – e também paga bem! Aquele mercado é reduzido, porque poucas pessoas da nossa profissão das ciências humanas ousam pedir dinheiro. Em relação ao blog que mantenho atualmente no *Frankfurter Allgemeine*, ele não tem espaço de comentários, porque me disseram que, se tivesse, eu teria que responder a todos, constantemente. Não é que eu queria me proteger contra ataques, mas sim contra o consumo do tempo. É claro que as pessoas podem entrar em contato comigo por e-mail, mas o que é realmente interessante é que posso acompanhar as estatísticas e gráficos de visitas à página à medida que vão acontecendo. Eu publico sábado às 10h30 da manhã na Alemanha, à 1h30 da manhã aqui. Quando me levanto no sábado, começo a acompanhar em tempo real a

visitação ao blog. E agora, como publico a cada duas semanas, o ritmo também tem mudado. Posso ir vendo como o movimento no blog vai caindo. Isso não é uma relação física, a gente não está em copresença, mas está acontecendo em *real time* e estou fazendo parte daquela situação, estou compartilhando aquela situação, sei quando um leitor acaba de entrar na página e está lendo o texto. Felizmente, não tenho que atingir um grande público, e os editores do jornal até gostam que sejam poucos os leitores, porque gostam de dizer que são ricos e que podem ter um blog que fale de coisas complicadas... Mas, na realidade, eu pensei que com o tema do Hölderlin, por exemplo, seriam poucos, e de repente foram muitos os leitores. De vez em quando escrevo sobre esportes, achando que o blog será bastante lido – já que tenho um certo nome na Alemanha como especialista na área –, mas os textos sobre literatura é que têm maior alcance. Já levo quatro anos escrevendo esse blog. Há uma espécie de copresença em *real time* com leitores que nunca vou conhecer. Tem uma coisa compartilhada, mas na verdade essa presença é apenas feita possível pela internet. Às vezes fico fascinado com o que vai acontecer com aquele blog, fico acordado até depois do horário de publicação, tentando ver o que vai acontecer na primeira hora. Minha família fala que é uma obsessão absoluta e, é claro, o dinheiro que ganho não vai mudar com a quantidade de leitores, não é essa a questão.

FERNANDA: O senhor sempre teve uma posição crítica em relação à ideia de uma “ciência da literatura” e, por extensão, a uma “ciência da comunicação”. Gostaria de saber sua opinião sobre isso, e em especial sobre a possibilidade ou não de o jornalismo se aproximar das humanidades.

GUMBRECHT: Vou dar uma resposta quase de esquerda, o que não me seria tão típico, mas quando ouço “ciência da comunicação”, imagino uma grande companhia que quer maximizar seu público, que quer inventar uma estratégia de propaganda, de persuasão etc. Basicamente, acho que o comportamento comunicativo entra melhor no sentido de arte, no sentido tradicional – não de arte estética, mas no sentido de um mestre, ou seja, no sentido do aprendizado de um ofício, não como uma grande teoria, mas por meio da imitação do trabalho de uma pessoa experiente. Você vai aprendendo por *trial and error*, vai vendo, “isso funciona bem, isso não funciona bem”. É como as pessoas aprendem a escrever, não? Eu não acredito muito numa coisa que é bem americana e acadêmica, nessas aulas de ensinar a escrever. Penso que, com a comunicação, acontece a mesma coisa. Por exemplo, quando eu era um jovem professor, minha escrita era completamente horrível. A primeira resenha que recebi sobre minha dissertação elogiava o conteúdo, mas afirmava que era escrita em um estilo que fazia pensar que o autor havia recentemente superado um *speech impediment* [distúrbio de fala]. Ou seja, a gente vai aprendendo. Sou relativamente bom dando palestras, as pessoas vêm me convidando e pagando, mas eu não saberia dizer como faço isso, da mesma forma que, imagino, se o Messi começar a pensar, ou Cristiano Ronaldo, sobre como marcar um gol, eles não vão marcar o gol. Nesse sentido, acho que a ciência literária ou a ciência da comunicação não são o marco adequado para desenvolver competências práticas. Podem ser um meio de maximizar ingressos [nos cursos], mas até disso estou duvidando. E existem casos de tradição, casos em que você, ainda jovem, ouve ou lê alguém que fala ou escreve bem e você passa a querer falar ou escrever como aquela pessoa. Eu lembro que, quando tinha 28 anos e vi pela primeira vez Hayden White, um homem muito bonito e que falava bem, pensei que gostaria de ter aquela elegância. Nesse sentido, são tradições que não se vão transmitindo cientificamente.

LIGIA: Em relação a essa ideia de que se pode – ou não – ensinar escrita literária, aqui nos EUA tem crescido bastante a importância dos cursos de *creative writing*. No Brasil, esse

fenômeno ainda é incipiente, especialmente em nível superior. Qual é a sua opinião sobre essa prática?

GUMBRECHT: Acho que aqui poderíamos fazer uma distinção binária entre dois sistemas educativos – em sentido amplo e estendido –, um que tem base no Romantismo e outro, no Iluminismo. Sem dúvida, as grandes universidades e o sistema de educação americanos, no sentido normativo, seguem uma tradição fundada no Iluminismo, em função do momento de formação da nossa república. Já o sistema educacional alemão, como [Friedrich] Kittler descreve bem⁶, nasce indubitavelmente de uma tradição romântica. Agora, se nasce do Romantismo – e, nesse sentido, eu sou bastante romântico –, acredita-se que, não, escrever bem não é algo que se possa aprender nas aulas de um professor. Ao contrário, tem algo a ver com graça: ou você recebeu, ou não; e, se a tiver recebido, pode desenvolver essa graça. Já aqui [nos EUA], essa ideia de ensinar a escrever é algo absolutamente importante. Vocês deveriam ver os trabalhos de aula corrigidos pelos doutorandos atuando como professores, com caneta vermelha. O aluno escreve uma frase subordinada, de forma gramaticalmente correta, e o professor risca e anota que é melhor escrever de outra maneira. Em relação ao Brasil, a minha impressão é a de que, em geral, o sistema se baseia mais em um padrão romântico, ainda que não tenha nascido necessariamente desse período histórico, mas por influências alemãs e, principalmente, francesas.

LIGIA: E, pensando no sentido inverso, o senhor acredita que é possível ensinar a ler literatura?

GUMBRECHT: Eu diria que é possível seduzir a ler. Às vezes estou dando aula, falando sobre algum assunto, sobretudo com *under graduates* [alunos em nível equivalente ao da graduação no Brasil], e eles percebem que tenho um entusiasmo ao falar das obras. Uma vez iniciei uma aula para alunos de primeiro ano, *freshmen*, recitando um poema da Safo de Lesbos, primeiramente em grego antigo e então em tradução. E eles captaram o quanto aquilo era importante para mim, e aquele curso se saiu bem. Mas dizer que o aluno deve ler uma frase de tal forma, ou que não se devem saltar páginas... De novo, eu sou romântico, cada pessoa tem de aprender essas coisas por experiência.

FERNANDA: Mas existe alguma estratégia para resgatar o texto como presença?

GUMBRECHT: Acho que a possibilidade que tenho como professor é perceber, no sentido sensual, o impacto que a coisa tem sobre a pessoa e se isso pode fazer com que haja a vontade de se expor novamente à mesma experiência. É como aconteceu recentemente no nosso seminário sobre Hölderlin, em que via um momento de sedução, de captação pelo poema. Num caso como este, ao ouvir a apresentação do aluno, podemos pensar, se o impacto da poesia sobre ele é tal, que o faz falar sobre o poema com essa liberdade, com uma distância *caring* [afetuosa], gostando, então talvez seja interessante ler esse poema. Mas dar instruções – até com o relógio: “você tem de ler lentamente; três minutos por página” – não funciona. Acho tão ruim quanto a ideia do *creative writing*. Não acredito nisso. É uma questão, na realidade, bastante parecida com a da intermedialidade. Acho que muitas vezes pode ser um sintoma do desespero das ciências humanas de não poder contribuir em nada à situação cultural contemporânea. Então as pessoas vão se concentrando sobre a coisa que parece mais atual, mas não conheço situação ou discussão em que esse tipo de abordagem tenha produzido algo de interessante enquanto conceito, que acaba gerando apenas uma justaposição indefinida tal qual o conceito de intertextualidade, que também não me atrai.

Debates on everything and nothing or "undefined juxtaposition": symptoms of despair of the human sciences? / Interview with Hans Ulrich Gumbrecht

ABSTRACT:

Interview with Hans Ulrich Gumbrecht, Professor at Stanford University, California, in which he discusses the relations between different media as atopic that has touched his research since his investigations on the non hermeneutic field and the materialities of communication up to this moment, which he characterizes as "broad present", with different temporalities and modes of approaching them, along with the role that literature and arts have in contemporary culture, using concepts such as 'presence' and 'mystical body'.

Keywords: Production of presence. Media. Broad present. Contemporaneity.

Notas Explicativas

*Professora na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutora em Letras/Estudos Literários pela UFJF, com estágio financiado pela CAPES/PDSE na Stanford University, no período em que esta entrevista foi concedida.

** Doutoranda em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB), onde pesquisa os modos de aproximação entre estudantes de ensino médio e a leitura literária, assim como os discursos e teorias sobre literatura e artes que circulam no contexto escolar. Bolsista Capes/PDSE com período "sanduíche" na Stanford University, Califórnia (EUA), onde foi realizada a entrevista.

¹Como Gumbrecht descreve em *Our Broad Present*, o autor utiliza o termo "cronótopo" como sinônimo de construção (social) do tempo, embora reconheça que esse uso "não transmite todas as nuances" propostas por Mikhail Bakhtin, primeiro teórico a usar o termo. Cf. GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Our broad present: time and contemporary culture*. New York: Columbia University Press.

²A transcrição da conversa segue, mais especificamente, desta forma: "[...] É disso o que os Estados Unidos são capazes, e há quanto tempo vocês existem? Trezentos anos? Cento e cinquenta anos e estão neste ponto. Ainda não completamos 42 anos e, em mais sete, estaremos no mesmo ponto em que os EUA, e então iremos mais longe. E, quando estivermos ultrapassando vocês, acenaremos e, se vocês quiserem, iremos parar e dizer: 'Por favor, venham conosco...'" Ver: <http://teachingamericanhistory.org/library/document/the-kitchen-debate/>

³Gumbrecht vem utilizando o termo "corpo místico" para descrever experiências coletivas que envolvem copresença física e atenção compartilhada, como jogos esportivos, protestos públicos, eventos religiosos e, mais especificamente no que diz respeito à literatura, leituras públicas de poemas com atenção à prosódia, em oposição a leituras hermenêuticas. No trimestre do outono de 2014, na Universidade de Stanford, por exemplo, o professor ministrou o curso "The Poetry of Friedrich Holderlin" ("A Poesia de Friedrich Holderlin"), em que colocou em prática esse tipo de leitura, com foco também nas reações à prosódia por parte dos estudantes de graduação e pós-graduação envolvidos, o que inclui as coautoras deste artigo.

⁴PRG é a sigla de Philosophical Reading Group, grupo interdisciplinar de leitura de obras da filosofia promovido por Gumbrecht e pelo professor Robert Pogue Harrison na Universidade de Stanford.

⁵Biblioteca que guarda o principal acervo da área de Humanidades da Universidade de Stanford.

⁶Na obra *Aufschreibesysteme 1800/1900* (1985), publicada pela Stanford University Press sob o título *Discourse Networks 1800/1900*, em 1992.

Enviado em: 26 de abril de 2015

Aprovado em: 12 de julho de 2015